

Da Biblioteconomia à Ciência da Informação

Ricardo Rodrigues Barbosa

Marcelo Peixoto Bax

Entrevista realizada com o Prof. Ricardo Rodrigues Barbosa, no mês de Julho de 2010, pelo Prof. Marcelo Peixoto Bax.

Entrevistador – Fale sobre a ECI, a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação: características da Escola à época em que o Senhor foi diretor; características dos cursos (graduação e pós-graduação) naquele momento; tipo de formação, disciplinas e desafios.

Prof. Ricardo - Integrei o corpo docente da Escola de Ciência da Informação (ECI) por concurso público, realizado em 1989. Em 1998, assumi o cargo de Diretor da ECI, exercendo-o até 2002. Fui o primeiro "não-bibliotecário" a ocupar o cargo. Nessa época, a Escola contava, na graduação, unicamente com o curso de Biblioteconomia. O Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) ainda não havia formado nenhum doutor, mas, já possuía programa de mestrado consolidado, desde 1976. Nessa época, já tínhamos, também, o curso de especialização "Gestão Estratégica da Informação" (GEI), oferecido desde o início dos anos 1990, pelo Núcleo de Informação Tecnológica e Gerencial (NITEG¹) da ECI.

Entrevistador – Fale sobre as principais conquistas da Escola naquele momento; principais dificuldades encontradas: questões colocadas pela relação com a sociedade, com o mercado de trabalho, visibilidade da Escola fora da UFMG; relação da Escola com outras unidades da UFMG na época; características dos professores, dos funcionários e dos alunos.

Prof. Ricardo - Como conquistas do período em que fui diretor, posso ressaltar, dentre outras, a implantação do doutorado em Ciência da Informação, que se deu oficialmente em 1997, e a consolidação do curso de especialização GEI, oferecido pelo NITEG. A implantação do doutorado em Ciência da Informação, hoje consolidado, com 65 teses defendidas até 2010, foi um marco fundamental para o fortalecimento da pesquisa na

¹Naquele tempo ainda com seu nome original: Núcleo Especializado em Capacitação de Pessoal em Informação Tecnológica Industrial (NECAPITI). O NECAPITI havia sido constituído para capacitar a Rede de Núcleos do PADCT e oferecia formação para os técnicos da Rede espalhados pelo país, à época (dentre eles o CETEC, em Minas Gerais).

Escola. Já o curso de especialização vem contribuindo, há vários anos, com o mercado de trabalho, no que tange à formação de profissionais altamente capacitados, especializados em Gestão da Informação e do Conhecimento.

Cito, também, a mudança de nome da Escola e de seus dois departamentos. Durante a direção da Profa. Vera Lúcia Furst Gonçalves Abreu, houve o encaminhamento do projeto de mudança de nome que veio a se concretizar, efetivamente, em minha gestão. Foi, nesse período, que a Escola de Biblioteconomia passou a se chamar Escola de Ciência da Informação. Nessa mesma época, o então Departamento de Biblioteconomia passou a ser conhecido como Departamento de Teoria e Gestão da Informação. A mudança de nome do antigo Departamento de Bibliografia e Documentação, que passou a denominar-se Departamento de Organização e Tratamento da Informação já tinha ocorrido anteriormente, em 1992. Note que toda essa história, que tento recordar agora, está registrada em detalhes no artigo intitulado "Novo nome e novo paradigma: da biblioteconomia à ciência da informação", publicado em 2000, na Revista PCI.

A respeito da relação da Escola com outras unidades da UFMG, na época, acho que a nova dinâmica de ampliação de seu escopo de ensino, pesquisa e extensão, que culminou com as mudanças de nome da Escola e dos seus departamentos, enviou sinais positivos, que implicaram em um novo olhar da Universidade em relação à Escola. Participamos de vários debates no âmbito da Universidade e o processo foi amplamente discutido no Conselho Universitário.

Em relação às dificuldades encontradas, posso dizer que um problema que enfrentei no período foi relativo à captação de recursos financeiros para a execução do orçamento da Escola. Diferente de hoje, naquela época, a dotação orçamentária da UFMG que cabia à Escola era muito menor. A Escola era pequena, relativamente aos outros institutos da UFMG, e possuía pouca captação de recursos externos, via realização de projetos de extensão, o que agravava a questão. Talvez o problema de recursos fosse ainda agravado pela pouca visibilidade da Escola, então, exclusivamente voltada para a Biblioteconomia. Na época, o PPGCI estava crescendo com o novo doutorado, mas ainda era pequeno e possuía pouca massa crítica. Lembro-me de ter me esforçado, nas reuniões do Conselho Universitário, para reverter a situação, que com a implantação do curso noturno, já apresentou uma pequena melhora.

A situação hoje é diferente. O crescimento da Escola, com a criação dos novos cursos, trouxe uma sensível melhoria proporcional da nossa fatia na matriz orçamentária da Universidade. Ainda somos uma escola pequena, mas melhoramos vários indicadores e temos, hoje, muito mais visibilidade junto à UFMG e à sociedade em geral. A Escola, hoje, conta

com recursos didáticos superiores à média da Universidade (computadores, projetores, etc.).

É interessante ressaltar que, exatamente no meio do período da minha gestão, em 2000, a Escola completou 50 anos de existência e, além de outros eventos comemorativos do cinquentenário, foi montada a exposição denominada "De Gutemberg à Informação Digital". A exposição fez uma retrospectiva histórica da evolução dos registros do conhecimento e dos suportes da informação. Organizada e coordenada, com extremo cuidado, pelo Prof. Paulo da Terra Caldeira, a exposição foi interessantíssima e contou com a mostra de várias obras raras no auditório da Reitoria da Universidade, inclusive, o exemplar da Bíblia mais antigo do Brasil.

Entrevistador - Como a área era definida na época e quais os prognósticos feitos para o futuro da área?

Prof. Ricardo - Antes de minha gestão, procurando acompanhar as transformações na área, a Escola vinha realizando mudanças significativas em seus cursos, em nível de graduação (alteração curricular do Curso de Biblioteconomia e criação de curso noturno) e pós-graduação (Especialização em Gestão Estratégica da Informação, Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação), em sua Revista Perspectivas em Ciência da Informação, no perfil do seu corpo docente e na sua infraestrutura tecnológica. Como consequência dessas evoluções, a Escola passou a atrair mais fortemente, para seus cursos de pós-graduação, profissionais oriundos de diversificadas áreas de conhecimento.

Pouco antes de me tornar diretor, em 1998, trabalhamos, juntamente com os demais colegas da ECI, um documento (mais tarde publicado como artigo² científico) que foi submetido à Reitoria da UFMG, para fundamentar a mudança de nome da EB/UFMG para Escola de Ciência da Informação da UFMG. O documento apresentava, como justificativa para o novo nome, vários aspectos do histórico da Escola, da evolução da área, bem como algumas denominações de unidades de ensino na área de ciência da informação no Brasil e no exterior.

Vale mencionar, ainda, o *Festschrift*³, feito em homenagem à Profa. Etelvina Lima, contendo, igualmente, dados sobre a história da Escola.

Entrevistador - Qual a participação dos professores da Escola em congressos e eventos da área? Qual o papel da Escola, nessa área, em termos nacionais?

² BARBOSA, R. R., CENDON, B. V., CALDEIRA, P. T., BAX, M. P. Novo nome e novo paradigma: da biblioteconomia à ciência da informação. *Perspectivas Em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v.5, n.N. Espec, p.81 - 91, 2000.

³ Um *Festschrift*, termo emprestado do alemão, também chamado "liber amicorum". É um conjunto de artigos escritos em homenagem, ainda em vida, de um professor universitário.

Prof. Ricardo - Foi sempre marcante a participação dos professores da Escola nos congressos e eventos nacionais da área de Ciência da Informação. Pode-se destacar o número sempre expressivo de artigos publicados no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Houve, também, a repercussão da alteração do nome da Escola, abrindo caminho para outras universidades, que seguiram na mesma linha.

Além disso, importante para a formação na graduação, a Escola mantém relacionamento estreito com o Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB). O cargo de diretor implica em um assento no CRB, e, na época, mantivemos relações intensas com o Conselho.

Entrevistador - Como era o contato com pesquisadores de outras instituições brasileiras e do exterior? Quais visitas marcaram a Escola e quais principais parcerias foram realizadas?

Prof. Ricardo - Embora anterior à minha gestão, é importante registrar a implantação do curso de Gestão de Recursos Informativos, em 1991, quando eu cheguei à Escola. Nessa época, ocorreu a vinda de diversos professores de renome internacional, como o próprio Horton Jr., um dos pilares da Gestão de Recursos Informativos (GRI), que ajudou o governo americano na consolidação da GRI.

Entrevistador - Quais as pessoas que contribuíram para a consolidação do curso e da Escola, na UFMG? Qual a importância da Revista da Escola, do carro-biblioteca e dos laboratórios?

Prof. Ricardo - Obviamente, várias pessoas contribuíram para a consolidação do curso e da Escola, na UFMG. Não seria possível citá-las todas aqui, nominalmente. Assim, falando de cabeça, me marcaram, principalmente, as atuações da Profa. Marília Júnia de Almeida Gardini, que acompanhou pessoalmente a construção dos prédios da Biblioteca Central e do prédio da Escola. A Profa. Marília foi também forte no apoio à Profa. Ana da Soledade Vieira, na concepção do curso GRI⁴, no início dos anos 90.

Evolução natural dos laboratórios de informática, sem que tenha havido algo de especial. O programa carro-biblioteca, também.

Sobre o entrevistado

Entrevistador - Fale sobre seu currículo, motivos que o levaram a escolher a área, como foi a sua chegada na Escola. Fale também sobre a sua carreira acadêmica, assuntos desenvolvidos como professor, pesquisador, cargos acadêmicos e administrativos ocupados.

⁴ Considerada matriz da área de Gestão do Conhecimento, em uma ótica da Ciência da Informação.

Prof. Ricardo - Eu tenho graduação em Psicologia (1972) e foi pela área de recursos humanos que me interessei pelo campo da Administração de Empresas. Em 1974, iniciei um curso de especialização em administração, oferecido pela Fundação João Pinheiro (FJP), em convênio com a Universidade de Colúmbia. Columbia foi a Universidade que escolhi para terminar o meu *Master of Business Administration* - MBA (titulação americana). Após o MBA, dei continuidade aos estudos no doutorado da mesma universidade, em 1980, tendo concluído em 1985. Alguns anos depois (1996-1997), já na ECI, fiz meu pós-doutoramento, trabalhando com o Prof. Chun Wei Choo na *Faculty of Information Studies at the University of Toronto*. O Prof. Choo é, hoje, bastante conhecido no Brasil graças ao trabalho iniciado nesse período.

Fui o primeiro coordenador do Núcleo de Informática da FJP, à época em que o Prof. Aloísio Pimenta veio do Banco Mundial para ser reitor da Fundação. Foi a época da polêmica Lei de Informática, quando convivíamos com várias personalidades da área da Ciência da Computação. Nesse período, fui professor da primeira turma do curso de graduação em Gestão Pública da FJP, ministrando, em 1986, a disciplina Sistemas de Informação Gerenciais. Foi quando atentei-me para a importância do trinômio informação, tecnologia e gestão. Nessa mesma época, estava sendo criado na, então, Escola de Biblioteconomia da UMFG, o curso de Gestão de Recursos Informativos (GRI), que representou, para mim, uma grande descoberta e uma escolha de vida profissional.

Atualmente, sou professor titular do Departamento de Teoria e Gestão da Informação. Tenho experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de Empresas, atuando, principalmente, nos seguintes temas: gestão do conhecimento, gestão da informação e inteligência competitiva.

Entrevistador – Como o Senhor compara a época em que foi Diretor, em relação à realidade contemporânea: o que mais mudou? O que permaneceu igual? Quais as perspectivas futuras para a área e para a Escola?

Prof. Ricardo - Várias mudanças marcam o processo de evolução da ECI desde a época em que fui diretor até hoje. Posso citar a criação dos dois novos cursos de graduação, arquivologia e museologia, além da consolidação da pós-graduação *stricto e lato sensu*.

Eu entendo que uma nova onda de mudanças importantes se anuncia com os novos cursos de graduação, que vejo como um evento portador de futuro para a Escola, assim como o curso de GRI foi um evento portador de futuro, no início dos anos 90. Certamente, os novos cursos terão impactos importantes na pós-graduação, com novas linhas de pesquisa se constituindo em breve. Haverá uma nova dinâmica de

entrelaçamento de áreas, onde a Biblioteconomia passa, inclusive, a não ser mais o único ponto central de destaque, como era até então. Haverá uma onda positiva e estimulante de hibridização de conhecimentos.

Quanto às perspectivas futuras, me parece importante que a Escola seja capaz de realizar uma visão estratégica, que afirme o conhecimento que lhe é mais peculiar e único. Ou seja, o conhecimento relacionado à organização e ao tratamento da informação, principalmente em contextos digitais. Teremos que trabalhar baseados em uma visão que aflora do conhecimento e da experiência, acumulados nessas últimas seis décadas da Escola. Dessa forma, poderemos conquistar espaços ainda mais relevantes no âmbito da UFMG, da sociedade de uma forma geral, além de um espaço maior e mais importante no cenário internacional.

Entrevistador – Agradeço muito pela sua atenção e lhe desejo muito sucesso no novo mandato de Diretor da Escola de Ciência da Informação